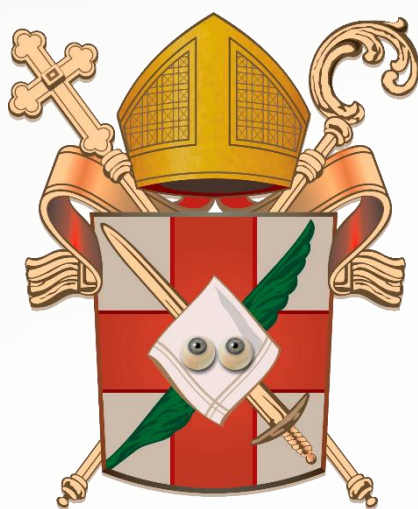


DIOCESE DE SANTA LUZIA DE MOSSORÓ
PLANO DIOCESANO DE PASTORAL



*UM CAMINHO DE MEMÓRIA, PROFECIA E ESPERANÇA:
POR UMA IGREJA PEREGRINA, SAMARITANA E MISSIONÁRIA*



End.: Praça Coração de Jesus, s/n, Centro.
Cx. Postal 16 - CEP 59600-022 - Mossoró/RN.
Fone: (84) 3314-7255 / 99646-0200 / 98818-4223.
E-mail: diocesedemossoro@uol.com.br
www.diocesedemossoro.blogspot.com

SUMÁRIO

ABREVIACÕES	4
A PALAVRA DO BISPO	5
NOSSA HISTÓRIA, NOSSA VIDA	20
A IGREJA QUE QUEREMOS SER	24
OBJETIVOS	33
PARADAS NO CAMINHO: APELOS PARA O AGIR PASTORAL	35
REDESENHAR A GEOGRAFIA DO CAMINHO	35
PEREGRINOS DA ESPERANÇA EM UMA SINFONIA ECLESIAL DE COMUNHÃO E SERVIÇO	37
CARIDADE SAMARITANA: POR UMA CULTURA DO ENCONTRO E DO CUIDADO	40
COMO FAZER A IGREJA QUE QUEREMOS SER	43
EM PEREGRINAÇÃO RUMO AO CENTENÁRIO DA DIOCESE	51
ORAÇÃO PARA A RECEPÇÃO DO PLANO DIOCESANO DE PASTORAL	52
GLOSSÁRIO	53
REFERÊNCIAS	55
ORAÇÃO A NOSSA SENHORA MÃE DA SANTA ESPERANÇA	57

ABREVIACÕES

AA	Decreto <i>Apostolicam Actuositatem</i>
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CNBB NE2	Conferência Nacional dos Bispo do Brasil - Nordeste 2
DAp	Documento de Aparecida
DCE	<i>Deus Caritas Est</i>
DSL	Diocese de Santa Luzia
EG	<i>Evangelii Gaudium</i>
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LG	<i>Lumen Gentium</i>
SEAPAC	Serviços de Apoios a Projetos Alternativos

A PALAVRA DO BISPO

Nas mãos de Deus-Providente que dirige todas as coisas

Diletos irmãos e irmãs, em Cristo Jesus!

Movidos pelo impulso da caridade pastoral que nos anima como virtude mestra em nossa missão e serviço no seio do santo povo de Deus, dirigimo-nos a todos os diocesanos saudando-os com a paz que vem do alto, que supera todo entendimento e guarda os nossos corações e a nossa mente em Cristo Jesus! (cf. Fil 4,7).

1. Há poucos dias iniciamos o Jubileu da Esperança, tempo de graça que o Senhor nos concede viver e celebrar; tempo no qual somos chamados a contemplar a luz da santa Esperança como estrela-guia em nosso caminho eclesial e acendê-la em nosso coração como chama viva que nos impele a caminhar como peregrinos. Juntos somos chamados a desenhar percursos renovados para a nossa ação pastoral e evangelizadora, buscando responder com humildade e audácia à urgente e permanente responsabilidade do anúncio e do testemunho da fé, enraizados no chão concreto de nossa Igreja particular.
2. Depois de um ano de paciente escuta do Espírito, de diálogo, discernimento e tomada de decisões, em um caminho que percorremos juntos, tendo como preocupação primeira a nossa missão comum de comunicar a todos a graça da salvação em Cristo Jesus, buscando responder aos presentes desafios da missão evangelizadora, construímos como fruto do nosso trabalho coletivo o Plano Diocesano de Pastoral para nossa Igreja particular. Este plano, agora oferecemos a todos os sujeitos

eclesiais como uma dádiva da comunhão e compromisso que demanda o envolvimento de todos. O Plano é um instrumento vivo e dinâmico que tem como escopo nos ajudar a impregnar a nossa Diocese da forma sinodal de pensar, de organizar-se institucionalmente e de agir pastoralmente, para que possamos experimentar a sinodalidade nosso estilo de ser Igreja.

3. No contexto do Jubileu da Esperança, ousamos afirmar que o Plano de Pastoral se situa como um sinal luminoso que nos provoca e nos anima abraçar com paciência e perseverança, em espírito de comunhão e corresponsabilidade, e em obediente docilidade à vontade de Deus, o caminho de renovação que o Senhor espera de nossa Igreja diocesana. Mais do que uma construção nossa, cremos que o instrumento de trabalho colocado em nossas mãos é obra de Deus pelo seu Espírito em nós e para nós; é uma oportunidade que nos é dada para que possamos extrair das indicações contidas no Plano de Pastoral o dinamismo que nos possibilitará produzir frutos de autêntica conversão pastoral em nossos ambientes eclesiais.
4. A partir de nossas pequenas comunidades eclesiais onde nos esforçamos para viver e testemunhar a fé, somos chamados a acolher o Plano de Pastoral como instrumento a ser implementado e dinamizado, conscientes da exigência de um compromisso orgânico, compartilhado e vivenciado em comunhão e complementariedade por todas as instâncias eclesiais. É fundamental recordar a dimensão da diocesaneidade como nota essencial deste caminho que somos chamados a trilhar juntos. Recorda-nos o Papa Francisco que “[...] cada Igreja particular, porção da Igreja Católica sob a guia do seu Bispo, está, também ela, chamada à conversão missionária. Ela é o sujeito primário da evangelização, enquanto é a manifestação

concreta da única Igreja num lugar da terra e, nela, «está verdadeiramente presente e opera a Igreja de Cristo, una, santa, católica e apostólica». É a Igreja encarnada num espaço concreto, dotada de todos os meios de salvação dados por Cristo, mas com um rosto local” (EG 30).

5. A Diocese é o “primeiro espaço da comunhão e da missão” (DAP 169) e o “sujeito primário da evangelização” (EG 30). Compreendida como porção do povo de Deus que, na diversidade, compõe a única Igreja de Cristo (cf. LG 13), animada e vivificada pela presença e ação do Espírito Santo, encontra-se encarnada em um território específico, com sua história e tradições, seus ritmos, e com um “rosto local” (cf. EG 30). Por isso, torna-se imperativo na construção, assimilação e recepção do Plano de Pastoral, a compreensão e vivência da diocesaneidade como valor a ser cultivado por todos. Enquanto consciência de pertencimento, compromisso e corresponsabilidade na inserção em contexto concreto de uma Diocese, a diocesaneidade, é uma “virtude” que, cultivada por todos os sujeitos eclesiais, se transforma numa força propulsora para a encarnação dos processos e da prática da sinodalidade como estilo de vida onde todos se sentem parte viva e ativa do povo de Deus e colaboram, fazendo ressoar as vozes da comunhão da diversidade na construção dos processos eclesiais.
6. É imprescindível, portanto, que todos os sujeitos eclesiais reconheçam e experimentem a Diocese onde são chamados a viverem a fé e a fazerem a experiência de ser Igreja “como lugar de acolhimento da riqueza da diversidade, da construção da comunhão e unidade e chão para a fecundidade da missão evangelizadora” (Proposições da Assembleia do Regional NE2, 2023). Por isso, no processo de assimilação do nosso Plano de

Pastoral, ninguém e nenhum grupo pode ficar para trás ou se permitir permanecer à margem do caminho como expectador indiferente. Cabe-nos o compromisso de repensar nossa relação com a Diocese, habitar nossa Igreja particular como a tenda que nos alberga e, finalmente fazer a experiência de “viver a Diocese” e torna-la presente em cada realidade que a define, em cada rosto, em cada paróquia, comunidade, ministério, pastoral ou serviço que a compõe.

7. Há uma dimensão amorosa, sem a qual torna-se impossível o acolhimento, a assimilação e a implantação do Plano de Pastoral a partir do contexto de nossas comunidades, pastorais, serviços e movimentos. Para amá-lo, é preciso conhecê-lo profundamente, sabendo de antemão, que o Plano é um instrumento humilde a serviço da animação da vida e da pastoral em nossa Diocese, que nele estão recolhidas as intuições, propostas e compromissos que, para toda a Igreja diocesana, constituem dever prioritário neste momento histórico no qual vivemos. Somos chamados a transformar as urgências que nominamos e elegemos como prioridades em oportunidades para uma criativa renovação eclesial em todos os níveis. Sendo, porém, o Espírito Santo o protagonista do Plano de Pastoral, desde a sua concepção como desejo em nossos corações, cabe-nos a abertura à sua ação para nos deixarmos surpreender por ele. Enquanto caminhamos, fazendo a nossa parte, nós o invocamos, para que “tudo seja conformado às exigências do anúncio do Evangelho” e não permitamos que os ventos de nossas opiniões e interesses e a rigidez de nossas “pequenas verdades” se sobreponham sobre a Verdade manifestada na perene criatividade do Espírito do qual devemos ser cúmplices neste caminho que percorremos juntos.

8. **“Por uma Igreja peregrina, samaritana e missionária”**. Estas palavras condensam o compromisso coletivo que, como Igreja diocesana, assumimos para os próximos dez anos. É um horizonte aberto, uma espécie de ponto de chegada ou meta para a qual nós caminhamos, enquanto colocamos em prática as indicações do nosso Plano de Pastoral. Ao mesmo tempo, é importante compreendermos que, aquilo que projetamos como retrato final dos nossos desejos, projetos e compromissos, deve incidir concretamente em tudo aquilo que realizamos no aqui e agora de nosso agir pastoral. As escolhas que fazemos, os valores que elegemos no quotidiano de nossas comunidades eclesiais, as posturas, ideias, estruturas e ritmos, a nossa linguagem, as formas e métodos precisam passar em revista diante das exigências de uma corajosa conversão pastoral que o Plano de Pastoral indica em seus objetivos e proposições.
9. Somos **“Igreja peregrina”** em caminho pelas sendas da história, uma comunidade de discípulos que, unidos a Cristo e entre si por laços de afeição e de caridade, sentem-se convocados e interiormente impelidos a se encontrarem para caminhar juntos com Cristo, “segundo o Espírito” (Gal 5,16), formando uma “caravana de irmãos” na qual, “a unidade cresce e amadurece, o que — segundo o estilo de Deus — não vem como um milagre repentino e espetacular, mas sim na partilha paciente e perseverante de um caminho feito juntos” (Papa Francisco, Discursos, 3 de junho de 2022). Enquanto peregrina, nossa comunidade eclesial é chamada a assimilar o jeito sinodal de ser Igreja como tarefa que envolve a todos, chamados a impregnar com o dinamismo sinodal os processos eclesiais, em todos os níveis. Assim nossa Igreja diocesana pode se realizar como sínodo, em um corpo diverso, bem articulado e em permanente movimento, que se encontra e se manifesta em uma totalidade

harmônica na qual a comunhão resplandece como princípio, dinamismo e força de testemunho. Uma força criativa capaz de sanar as feridas infligidas pelas fragmentações e polarizações ideológicas que se insidiam sobre o corpo eclesial, desfigurando a sua beleza. Para a construção de um estilo sinodal de ser Igreja, é fundamental a abertura do coração e a disposição interior para acolher e responder ao “desafio de descobrir e transmitir a «mística» de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos, participar nesta maré um pouco caótica que pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade, numa caravana solidária, numa peregrinação sagrada” (EG 87).

10. Somos uma “**Igreja Samaritana**” que contempla na mulher da Samaria, junto ao poço de Jacó (Jo 4,1-42), o modelo do caminho que é chamada a trilhar e da missão que lhe é confiada. Formamos uma comunidade de discípulos sedentos de plenitude, chamados a fazer a experiência do encontro com o Senhor que, peregrino sedento, faz-se mendicante, não tem medo de esconder seu cansaço nem se esquivava de ir até os que estão longe. Ele se detém, não tem pressa de seguir adiante, mas se coloca à espera à beira dos poços de nossas buscas, encontrando nossa humanidade tal como ela é, pronto a dar o primeiro passo e, de forma paciente educar-nos a desejar a “água viva” e promete o máximo: levar cada pessoa humana à experiência de plenitude e saciedade. Ele nos faz descobrir e experimentar que, “ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo” (Deus Caritas est, 1).

11. Em nosso agir pastoral somos convidados a fazer nossa a ação do Senhor que não despreza o ser humano, mas vai ao seu encontro para anunciar o amor do Pai, para purificá-lo e levá-lo a uma plenitude inesperada. Em nosso caminho fazemos nossa, como anúncio àqueles que encontramos, a palavra de Jesus à Samaritana: “se conhecesses o dom de Deus” (Jo 4,10), despertando nos corações o desejo de buscá-lo, de superar a própria fragilidade, de perceber o Senhor presente no tecido do cotidiano. No espaço humano onde o vazio encontra o desejo, os preconceitos são superados pelo acolhimento, onde o culto puramente ritual é transformado pelo culto espiritual e coração se faz templo onde Deus habita, podemos anunciar e oferecer ao ser humano sedento o amor de Deus a possibilidade de encontrá-lo de sentir-se amado por Ele.

12. A imagem da mulher samaritana sedenta e dos discípulos famintos é um convite a reconhecermos nossa fome e sede, nosso desejo inquieto de plenitude, sobretudo diante das grandes carências do mundo no qual vivemos e onde nós, portadores da “água viva”, temos a missão de oferecê-la como dom aos demais. Jesus também se revela sedento, porém ele não calcula, não se deixa aprisionar pela imediatez de uma solução, mas olha a realidade em profundidade, abrindo novos e inesperados horizontes para quem ele encontra. A água que ele oferece não é a do poço de Jacó, o pão não é o das compras que os discípulos foram fazer. À mulher ele oferece “água que jorra para a vida eterna”; aos discípulos faz o convite a contemplarem os “campos já brancos para a colheita”, provocando-os a vislumbrarem na semente que ainda repousa na terra a abundância da ceifa. A parábola provoca-nos a cultivar a sensibilidade do olhar que vê para além do imediato, um convite a superarmos, em nosso agir pastoral, a tentação de nos fixarmos em nossas zonas de conforto

mediocre, no “sempre se fez assim” e a nos aventurarmos como servidores na seara do Senhor, deixando-nos surpreender pelos frutos das “sementes do Verbo” já plantadas no coração das pessoas e dos ambientes aos quem somos enviados.

13. Somente a partir do compromisso concreto com o outro podemos desenvolver a habilidade de provocar encontros que impactam e transformam, que suscitam a alegria da experiência da salvação, uma alegria contagiante que se faz fecunda no anúncio e no testemunho, como fez a mulher samaritana em sua aldeia. Esta é a alegria do Evangelho que “enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria” (EG 1). Como aconteceu com mulher Samaritana que se tornou fonte para os seus concidadãos, a alegria de ser alcançados pela graça do Salvador, fonte transbordante de água viva, transforma-se em energia que apressa os nossos passos, colocando-nos em caminho. O testemunho credível da vida nova em Cristo faz de nós uma espécie de carta-convite aos outros, chamando-os a abrirem-se à beleza transformadora do encontro e abraçarem a aventura da fé, que é sempre dom ativado pelo Espírito ao encontrar a livre disponibilidade das pessoas, pois crer consiste em abrir espaço no coração para o que Deus ali semeia sua graça e a faz crescer.

14. Exorta-nos o Papa Francisco acerca do testemunho que somos chamados a dar como consequência natural do impacto do encontro com o Senhor em nossas vidas: “O conteúdo do testemunho cristão não é uma teoria, não é uma ideologia, um sistema complexo de preceitos e proibições nem um moralismo, mas é uma mensagem de salvação, um evento concreto, aliás,

uma Pessoa: é Cristo ressuscitado, vivo e único Salvador de todos. Ele pode ser testemunhado por quantos fizeram a experiência pessoal d'Ele, na oração e na Igreja, através de um caminho que tem o seu fundamento no Batismo, o seu alimento na Eucaristia, o seu selo na Confirmação, a sua conversão contínua na Penitência. Graças a este caminho, guiado sempre pela Palavra de Deus, cada cristão pode tornar-se testemunha de Jesus ressuscitado. E o seu testemunho é tanto mais credível quanto mais transparecer de um modo de viver evangélico, jubiloso, corajoso, manso, pacífico, misericordioso. (Papa Francisco, Regina coeli, 19 de abr de 2015).

15. A dimensão samaritana de nossa Igreja particular também se exprime a partir contemplação, assimilação e vivência das atitudes do **“Bom Samaritano compassivo”** da parábola evangélica contada por Jesus (Lc 10,25-37), quando um Mestre da Lei lhe pergunta: “Quem é o meu próximo?” A parábola apresenta como protagonista um samaritano que, no seu caminho, encontra-se com um homem necessitado, que foi assaltado e espancado, faz-se próximo, unge suas feridas com óleo e cuida dele. Ao mesmo tempo, o relato evangélico apresenta a atitude do sacerdote e do levita, homens que gozam de prestígio social junto ao povo pela função que ocupam. Estes, indiferentes e por demais preocupados com seus “afazeres religiosos”, imperturbados em sua consciência pelo apelo do sofrimento, vendo o homem caído, passam pelo lado oposto deixando-o abandonado à beira da estrada, sem razões para não socorrer o homem ferido.
16. Em nosso caminhar eclesial, tantas vezes nos deparamos com estas duas formas de agir. Há pessoas comprometidas e sensíveis outro, sobretudo com o mais frágil e abandonado. Estes, quase sempre não aparecem nos holofotes, enquanto se prodigalizam

no cuidado, conscientes de que a salvação em Cristo é uma graça que abraça o ser humano em sua totalidade. Estes cultivam um compromisso com um estilo testemunhal de vida e de proclamação do Evangelho, inseridos em uma comunidade que vive aquilo que proclama, que coloca a pessoa humana no centro do seu agir pastoral. Por outro lado, convivemos com a tentação de interpretar nossa vocação e missão, a partir de nossas conveniências ou dos ditames rígidos de nossos esquemas mentais, muitas vezes justificados por condutas revestidas de pretensa religiosidade ou até mesmo de devoção. Ordenamos a vida a partir de uma lista minuciosa de observâncias que nos faz por demais “polidos”, porém insensíveis aos apelos da caridade que bate à nossa porta ou se faz clamor silencioso à beira das estradas que cruzamos todos os dias.

- 17.** O Samaritano da parábola não hesitou em atrasar o seu caminho, em mudar o seu ritmo e reorientar o curso de sua caminhada, não calculou os riscos de se fazer próximo, deixou-se interpelar pelo grito silencioso do sofrimento humano e, ao tocá-lo com as próprias mãos. Ele deixou fluir do seu gesto a força do amor misericordioso que se comove, que coloca o cuidado com a pessoa e a sua dignidade no centro de sua experiência de fé, através de um testemunho humilde e discreto que não se preocupa somente com o imediato, mas pensa na plena restauração da vida e da dignidade de quem Deus colocou no seu caminho para que ele se tornasse próximo. Certamente a parábola nos inspira a pensar a nossa comunidade eclesial como guardiã da vida e promotora de humanidade, consciente que a salvação em Cristo que ela anuncia exige um compromisso permanente com a promoção da vida em abundância presente do amor de Cristo Jesus ao se encarnar e assumir a fragilidade de nossa humanidade (cf. Jo 10,10).

18. Não obstante os desafios que enfrentamos e as resistências que tantas vezes encontramos em nossos corações e em nossos ambientes, sonhamos com uma **Igreja em caminho**, que não hesita em se fazer próxima das pessoas; uma comunidade que toca o drama da vida em sua realidade mais concreta, que é capaz de refrear os seus passos quando o grito silencioso que emerge das margens das tantas estradas que ela percorre lhe interpela; uma Igreja discípula que, seguindo e anunciando o Senhor, “o primeiro Samaritano”, faz da solidariedade com a humanidade ferida ato permanente que prolonga na história os efeitos salvíficos da encarnação do Verbo que “armou a sua tenda entre nós” (Jo 1, 14); uma comunidade viva que faz da proximidade, do acolhimento e do cuidado, anúncio e profecia de salvação para o mundo; uma Igreja luta quotidianamente contra a tentação da autorreferencialidade, que se deixa conduzir por Cristo em marcha ao encontro dos outros; uma comunidade viva na qual cada membro, cada grupo, cada comunidade, pastoral, serviço ou movimento, com sensibilidade samaritana, aproxima-se das pessoas com olhos abertos e ouvidos atentos deixando-se comover; uma Igreja formada por homens e mulheres com mãos hábeis e treinadas na ciência do cuidado, mãos prontas ao abraço, mãos portadoras do unguento da ternura e da misericórdia, mãos fortes que elevam o ser humano caído, restituindo-lhe sua dignidade, mãos que acolhem e protegem a semente da vida, prontas a defendê-la e a promovê-la a todo custo.

19. Por isso, nos afirmamos como **Igreja Missionária** chamada e impelida a sair, a encontrar as pessoas, a proclamar, habitar, educar e transfigurar os corações e as realidades humanas tocando-as com luz redentora do santo Evangelho. Há entre nós uma sensibilidade para a missão que precisa ser reascendida.

Necessitamos promover a confluência dos tantos caminhos que se entrelaçam a partir da lúcida consciência da missão, como elemento transversal que penetra e dá vida a tudo o que fazemos. Ela é como um fio dourado que tudo une produzindo um dinamismo sempre renovado em nossa Igreja. Cabe a todos, sem exceção, a responsabilidade de cultivar uma sensibilidade eclesial missionária, em espírito de comunhão e complementariedade, sem ceder à tentação de lotear territórios na “geografia pastoral” de nossa Igreja particular ou querer “aprisionar o Espírito” a um modo único de pensar e de fazer. Ao contrário, abertos à perene novidade, coloquemo-nos em atitude de prontidão, para escutar o Espírito, perscrutando os sinais dos tempos e dos lugares através dos quais ele nos fala, prontos a tomar decisões corajosas pelo bem da missão evangelizadora.

20. Neste caminho que juntos percorremos é preciso nos deixar surpreender pela criatividade do Espírito, sem medo de nadar contra a corrente, quando necessário for, para que nossa missão seja compromisso que envolve todos os sujeitos eclesiais corresponsáveis pelo anúncio e testemunho do Cristo Ressuscitado, na alegria e na esperança. Este empenho exige de todos nós uma sólida consciência da nossa fé vivida e celebrada; demanda uma intensa vida em comunidade e um compromisso radical com o testemunho da caridade; pressupõe a clareza de nossa responsabilidade missionária e uma corajosa prontidão para partir e desbravar novas fronteiras, abertos à conversão sincera dos corações, das formas de pensar e de fazer e das estruturas que não mais respondem à transmissão da fé. (cf. DAp 365 a 370)

21. Este é o propósito do Plano Diocesano de Pastoral que colocamos à disposição de nossa Igreja particular. Ele busca desenhar e oferecer um caminho dinâmico a ser abraçado e seguido em uníssono por todos de maneira comprometida, para que possamos ser, viver e testemunhar a face de uma **“Igreja Peregrina, Samaritana e Missionária”**. O tempo do Jubileu é ocasião oportuna para uma “pausa restauradora” em nossa caminhada pastoral e para dedicarmos tempo ao conhecimento, assimilação e recepção do nosso Plano de Pastoral. Cabe-nos o compromisso de juntos discernirmos a vontade de Deus e nos colocarmos em estado de prontidão e disponibilidade para continuarmos de forma renovada e comprometida a nossa missão, projetando através do nosso testemunho a beleza transformadora do impacto da presença de Cristo Jesus em nossa vida. Ele constitui a razão primeira, o dinamismo perene e o ponto luminoso de realização das nossas proposições. Por isso, com determinação empreendamos os esforços necessários que concretizem as escolhas eclesiais que fizemos e os passos que juntos planejamos.

22. Que o evento jubilar que estamos celebrando nos arremesse de cheio na pista de dança do “baile da esperança” para que todos nós embalados pelo seu ritmo, contagiemos com passos apressados os corações dos nossos irmãos e irmãs e os ambientes onde atuamos com aquela esperança que não decepciona, fruto de nossa constância e perseverança. Nela ancorados, confiamos que a abertura de todos à consciência comunitária do compromisso com Plano de Pastoral de nossa Igreja diocesana, desenhado para os próximos dez anos, como instrumento a ser recebido por todos, se transforme em expressão da viva comunhão e da unidade entre nós. A consciência da comunhão é condição e possibilidade para que cada sujeito eclesial seja

protagonista ativo na assimilação e vivência do que está sendo oferecido como dom e compromisso à nossa Diocese de Santa Luzia, no seu peregrinar, neste território e neste momento histórico que o Senhor nos concede viver.

23. Que todos nós, disponíveis a acolher as surpresas de Deus sintamo-nos convidados a **olhar** para nosso presente com profundo realismo e **abraçar** o futuro como construção na qual trabalhamos como artesãos de esperança e criatividade. Não tenhamos medo de **ousar** romper os nossos próprios ritmos, vencer os limites mentais e as tantas barreiras que erguemos como anteparos para nossa segurança. Estejamos abertos à conversão que nos permite **superar** atitudes, comportamentos, preconceitos que diminuem a estatura de nossa dignidade de discípulos. Sejam desbravadores de novas searas, prontos a **descobrir** novos horizontes, a **enxergar** novas necessidades que nos interpelam, a **enfrentar** os problemas que nos questionam, buscando novas soluções. Permitamo-nos **imaginar** coisas novas, possibilidades, cenários para a realização de nossa missão evangelizadora. Abramo-nos, por fim, ao Espírito divino, protagonista de toda ação pastoral para que possamos **construir** caminhos novos, com jeito novo, oferecendo alternativas de ação e de resposta aos novos desafios. Sejam fecundos em **produzir** decisões concretas, em **criar** novas formas de presença e missão. Façamos de nosso Plano de Pastoral a bússola a guiar os nossos passos enquanto nos colocamos em marcha pelos próximos anos.

A Santa Mãe de Deus, em quem contemplamos como em perfeita imagem o que esperamos e desejamos ser na Igreja, seja a estrela-guia em nosso caminhar e resplandeca aos nossos olhos como sinal de Esperança e segura consolação enquanto peregrinamos como povo santo de Deus (cf. LG 68). Que Santa Luzia, nossa padroeira,

peregrina da luz, nos acompanhe e nos anime a apressar os nossos passos, fiéis à nossa vocação e missão, prontos para a acolher, com espírito evangélico e sem medo, as exigências e urgências de uma sadia, eficaz e permanente renovação eclesial, começando em nosso coração.

Francisco de Sales Alen Batista O. Carm.
Dom Francisco de Sales, O. Carm.

Bispo Diocesano



NOSSA HISTÓRIA, NOSSA VIDA

Memória eclesial: quem somos

A Diocese de Santa Luzia de Mossoró, pertencente à Província Eclesiástica do Rio Grande do Norte, situada no Oeste Potiguar. Sua história eclesial tem início a mais de um século, antes de sua criação em 28 de julho, pelo Papa Pio XI, instalada aos 18 de novembro, ambas no ano de 1934.

A “Fazenda de Santa Luzia”, de propriedade do Sargento-mor Antônio de Souza machado e sua esposa Rosa Fernandes, recebe autorização para a construção de uma capela no ano de 1772, como fruto de uma promessa por uma graça alcançada junto à virgem de Siracusa.

Ao longo de cento e sessenta e dois anos, até o ato de criação e instalação como Diocese, a devoção a Santa Luzia semeou o crescimento de uma comunidade eclesial com identidade própria; preparando o caminho da evangelização de uma parcela considerável do povo de Deus, através de características que marcam sua história até os dias atuais. A índole missionária, a educação cristã, a vida eucarística, fomento às vocações, a comunicação e a ação sócio caritativa, se tornaram princípios constitutivos da ação pastoral.

A chegada do primeiro bispo da nova Diocese, Dom Jaime de Barros Câmara, em 26 de abril de 1936, com o Lema: “Eu vim trazer o fogo”, anima o povo de todo o Oeste Potiguar, que contempla e celebra a realização de um sonho. Dom Jaime deixou um legado que se consolidou nos anos seguintes com a criação do Seminário Santa Teresinha, o Abrigo Amantino Câmara e o “Círculo Operário Católico”, em apoio aos operários dos parques salineiros da Zona Oeste do Estado do Rio Grande do Norte.

Ao suceder Dom Jaime, em 08 de dezembro de 1934, com o Lema: “É preciso que Ele cresça”, o segundo bispo da Diocese de Mossoró, Dom João Batista Portocarrero Costa, intensificou a ação

sociotransformadora e caritativa com a fundação de escolas populares; assim como, incentivo a círculos de estudos e manhãs de recolhimento. O fomento à piedade eucarística desatacou-se pela realização do I Congresso Eucarístico em 1946.

Dom Elizeu Simões Mendes, assume a Diocese em 20 de fevereiro de 1954, como terceiro bispo, com o Lema: “Salvação do Rebanho”, destacando-se por forte apoio a Zona Rural, com incentivo às semanas ruralistas, criação de maternidades e promoção de “casas populares”; que foram construídas em vários municípios.

A comunicação, a educação, fomento à cultura e consciência humana se intensificaram com o governo episcopal do quarto bispo, Dom Gentil Diniz Barreto, que assumiu a Diocese em 12 de outubro de 1960, com o Lema: “Enviai o vosso Espírito”. A criação da “Emissora de Educação Rural”, em 02 de abril de 1963, torna-se não apenas um meio de comunicação social importante, mas instrumento de alfabetização rural, a partir da instalação do Movimento de Educação de base. Destacam-se ainda, como iniciativas à época, a criação da Gráfica Miguel Faustino, Livraria Dom Costa; assim como, o Centro de Treinamento Libânea Lopes Pessoa e o Lar Sacerdotal.

Dom José Freire de Oliveira Neto, inicia sua missão episcopal como bispo auxiliar de Dom Gentil em 1975, com o lema “Semelhante a Ele na morte”. Durante governo interino, após renúncia de seu antecessor Dom Gentil, em 11 de outubro de 1984, ano em que a Diocese completou 50 anos de existência, o então papa João Paulo II, por meio da Bula *Quam congrue convenienterque*, declarou Santa Luzia como padroeira diocesana; tornando-se desta forma, a Diocese de Mossoró, juridicamente Diocese de Santa Luzia de Mossoró.

Dom José Freire, foi responsável, junto a Dom Albano Cavallim, pela elaboração do documento “Catequese Renovada”. São frutos de sua missão a Comissão Pastoral da Terra, o SEAPAC (Serviços de Apoios a Projetos Alternativos), e a Comissão de Justiça e Paz. E ainda, grande incentivo às vocações sacerdotais, e protagonismo dos

leigos, como agentes de pastoral, com formação periódica e atuação efetiva nas assembleias Trimestrais de Pastoral e Assembleia Anual.

A índole missionária que impulsiona a história eclesial da Diocese de Mossoró, é renovada com o quinto bispo, vindo da Diocese de Trento na Itália, Dom Mariano Manzana, que inicia sua missão episcopal em 17 de outubro de 2004, Com o Lema “Cristo para os Povos”, intensificou ao longo de dezoito anos de governo, a pastoral missionária com as Santas Missões Populares e a realização do II Congresso Eucarístico Diocesano em 2006; a pastoral vocacional com a implantação do Seminário Maior e o Curso de Teologia, bem como a criação da Faculdade Diocesana de Mossoró. E ainda, com intensa animação vocacional, que tendo como consequência um aumento no número de ordenações sacerdotais, reorganizou o serviço pastoral com a criação de comunidades paroquiais e a Visita Pastoral a todas as paróquias.

O sétimo bispo, Dom Francisco de Sales de Alencar Batista, O. Carm.; com o Lema episcopal “Como o que serve”, assume o governo pastoral da Diocese de Mossoró, no dia 17 de fevereiro de 2024, ano de celebração dos 90 anos de criação da Diocese, acolhido calorosamente pelo clero local, bispos do Regional Nordeste II; religiosos e religiosas de diversa congregações; e grande número de fiéis oriundos de todas as comunidades paroquiais. Em sintonia com o “Sínodo dos bispos”, proclamado pelo Papa Francisco, o novo bispo inicia um processo de escuta pastoral de forma ampla e sistemática para conhecer a realidade eclesial, e futura elaboração de um Plano Pastoral Diocesano. A elevação da então Faculdade Católica do Rio Grande do Norte à Centro Universitário, passando a ser identificada como UniCatólica do Rio Grande do Norte, por meio de credenciamento autorizado pelo Ministério da Educação em 24 de abril do mesmo ano, marca o início do ministério pastoral de Dom Francisco, que se torna Grão-Chanceler da Instituição. Uma nova configuração pastoral e “geografia eclesiástica” começa a ser definida

no mesmo ano com a criação de dois Vicariatos, com seus respectivos Vigários Gerais; as foranias que as compõem e paróquias que as integram.

Situada na Zona Oeste do Rio Grande do Norte, com extensão de 18.832 quilômetros quadrados, a Diocese de Santa Luzia de Mossoró, abrange hoje, 56 município que compõem as Microrregiões: Salineira, Assu, Apodi e Serrana Norte-Riograndense; com uma população em 2020, segundo estimativa do IBGE, de 833.830 habitantes.

Um horizonte novo se vislumbra na tecitura da história eclesial em que as costuras são feitas a partir de novos meios, estruturas e metodologias em vista da missão evangelizadora da Igreja na sociedade. Um caminho a ser trilhado, uma história a ser tecida. A perspectiva de uma Igreja peregrina, samaritana e missionária, com atitude profética e misericordiosa, se tornam princípios norteadores de uma realidade complexa a ser acolhida, amada e superada pela Boa Nova do Reino que há de vir.

A IGREJA QUE QUEREMOS SER

Da escuta atenta ao agir compassivo: a Palavra que ilumina o caminhar

Imagens Bíblicas:

Jo 4,1-42

Lc 10,25-37

Apesar das diferenças em contexto, estilo literário e mensagem teológica, as passagens de Jo 4,4-42 e Lc 10,25-37 podem ser lidas de forma paralela e complementar, especialmente sob uma perspectiva eclesiológica. Ambos os relatos — o encontro de Jesus com a mulher samaritana e a parábola do bom samaritano — oferecem elementos significativos para uma reflexão teológico-pastoral, particularmente relevante em um contexto pós-sinodal como o atual. Esses textos iluminam e inspiram a construção de uma identidade pastoral diocesana focada no trinômio memória, profecia e esperança, fundamentos para configurar uma Igreja simultaneamente peregrina e samaritana. Em ambos, evidenciam-se traços essenciais que resultam do encontro transformador com Jesus Cristo. A seguir, propõe-se uma leitura pastoral de cada passagem, culminando em um plano de convergência que visa oferecer novas luzes e esperanças ao planejamento pastoral diocesano em desenvolvimento.

Por opção metodológica, propomos primeiro a leitura de Jo 4,4-42, um texto que enfatiza a importância do encontro verdadeira com Jesus como elemento transformador da vida humana, o que deve gerar, por consequência, um agir misericordioso, movido pelo amor, fomentando a implantação de uma verdadeira cultura do cuidado, semelhante ao comportamento exemplar do samaritano, em Lc 10,30-37. Por isso, a leitura do texto de Lucas será feita em um segundo momento, propondo a atitude compassiva como fruto e consequência

do encontro autêntico com Jesus, o que inevitavelmente provoca transformação na pessoa. Da convergência dos dois textos, em relação de complementaridade, é possível colher traços importantes para iluminar a caminhada pastoral de uma Igreja particular que almeja, na condição de peregrina da esperança tornar-se sempre mais samaritana consciente encontrar-se em caminho, no qual se faz necessário fazer memória e atualizar a profecia.

1º Ícone: Jesus e a samaritana um encontro transformador (Jo 4,4-42)

O episódio do encontro entre Jesus e a mulher samaritana, narrado em Jo 4,4-42, é um dos relatos mais profundos e simbólicos do Novo Testamento, exclusivo do Evangelho de João, e considerado uma obra-prima teológica e literária do respectivo evangelista. No contexto do início do ministério de Jesus, este evento representa um dos momentos centrais em que ele revela sua identidade como Filho de Deus e Messias. A narrativa se inicia com Jesus chegando ao poço de Jacó, em Sicar, Samaria, onde, cansado e sedento, encontra uma mulher samaritana (vv. 5-7). Antes, merece atenção o que se diz no v. 4: “Era necessário que atravessasse a Samaria”. Não era propriamente uma obrigação, pois havia um caminho alternativo, pelo outro lado do rio Jordão. A necessidade apontada pelo evangelista, portanto, corresponde ao projeto de salvação de Jesus, que necessita seu amor humanizante a todos os lugares e a todas as pessoas.

À beira do poço, surge um diálogo intenso, cujo desfecho é a transformação da mulher e da própria cidade, como o texto mostra em sua sequência. O fato de Jesus pedir água a essa mulher é significativo (v. 7), pois rompe barreiras sociais e religiosas muito rígidas, alimentadas ao longo de séculos. Judeus e samaritanos historicamente mantinham uma rivalidade profunda, marcada por diferenças culturais e religiosas desde o cisma dos reinos de Israel, quando o Reino do

Norte passou a adorar em templos próprios, considerados ilegítimos pelos judeus (cf., 2Rs 17,24-28). Além disso, no contexto patriarcal, um homem judeu falar com uma mulher samaritana, vista com suspeita, era impensável.

O diálogo entre Jesus e a mulher é profundo e simbólico. Ao pedir água, Jesus mostra sua humanidade em um ato de vulnerabilidade, mas logo se apresenta como portador de uma “água-viva” que sacia de modo permanente (v. 10). Esta água-viva representa o dom do Espírito Santo, oferecido a toda a humanidade e que Jesus disponibiliza a quem o segue com fé. Este é o primeiro sinal que revela a identidade messiânica de Jesus à mulher, que gradualmente percebe que está diante de alguém especial, além de um profeta. Ao longo da conversa, a mulher passa de uma visão desconfiada para uma abertura sincera, reconhecendo que a “água-viva” prometida por Jesus é capaz de libertar e transformar.

O diálogo também leva a mulher a confrontar sua vida pessoal. Jesus revela que ela teve cinco maridos e vive com um homem que não é seu esposo, algo que na narrativa simboliza a idolatria e as alianças históricas do povo samaritano com divindades estrangeiras (vv. 16-18). Essa revelação, porém, não vem como uma condenação, mas como um chamado à transformação. Jesus oferece à mulher um caminho novo, orientado pelo culto em “espírito e verdade”, uma forma de adoração que transcende locais específicos, como os templos judaicos ou samaritanos, e que se baseia na relação genuína com Deus através do Espírito Santo (vv. 20-24). Nesse culto, não há mais intermediários, mas uma relação direta e sincera com o Pai, movida pelo amor e pela fé genuína.

A transformação da mulher é tão marcante que ela abandona o cântaro (um símbolo da antiga Lei e das limitações impostas pela tradição) e corre à cidade para contar sobre sua experiência com Jesus, em forma de testemunho (vv. 28-29). Ao compartilhar sua descoberta, a samaritana inspira muitos de seus conterrâneos a também buscarem

Jesus, gerando uma adesão coletiva ao seu ministério (vv. 3039-42). Esse gesto de deixar o cântaro simboliza o abandono das velhas estruturas em favor de uma nova vida de fé e liberdade espiritual.

Para João, esse evento demonstra que Jesus veio para ultrapassar barreiras culturais, religiosas e sociais. Enquanto os discípulos ainda se surpreendem ao vê-lo falando com uma mulher samaritana (v. 31ss), Jesus dá continuidade à sua missão de romper com preconceitos e discriminações, acolhendo aqueles considerados impuros e marginalizados pela sociedade da época. A transformação da mulher samaritana representa a essência da fé cristã: um encontro pessoal e transformador com Jesus que gera uma mudança profunda de vida, levando-a a se tornar uma discípula e testemunha de sua mensagem.

Esse episódio também destaca uma tensão entre a antiga lei judaica e a nova proposta de fé. Jesus apresenta uma adoração em “espírito e verdade” que não se limita a rituais e lugares específicos, mas é acessível a todos e se manifesta em obras de amor. Ao contrário da adoração limitada ao templo de Jerusalém ou aos santuários samaritanos, o culto verdadeiro que Jesus ensina é universal e convida todos a uma relação pessoal e direta com Deus. Essa nova forma de adoração inclui e abraça a todos, especialmente aqueles que foram excluídos pela sociedade e a religião judaicas, como os samaritanos.

No desfecho da narrativa, os samaritanos, movidos pelo testemunho da mulher, encontram-se com Jesus e confirmam sua fé, reconhecendo-o como o “Salvador do mundo” (vv. 39-42). Este reconhecimento é um contraste com a visão judaica tradicional, que esperava um Messias nacionalista. Aqui, Jesus é proclamado o Messias de toda a humanidade, rompendo as barreiras étnicas e culturais. A história da samaritana demonstra que o verdadeiro encontro com Jesus conduz a uma transformação interior e a uma fé autêntica que se espalha de maneira natural e espontânea.

Assim, o encontro de Jesus com a mulher samaritana é um convite para que cada pessoa experimente essa água-viva, o dom do Espírito,

e participe de um relacionamento direto e transformador com Deus, capaz de nos humanizar e nos libertar de todas as barreiras e preconceitos que nos separam do próximo e do próprio Deus.

2º Ícone: o agir compassivo do samaritano (Lc 10,25-37)

A parábola conhecida como do “Bom samaritano” é contada por Jesus durante seu caminho em direção à cidade de Jerusalém, que, no Evangelho de Lucas, tem um significado não apenas geográfico, mas também formativo. Por sinal, se trata de uma parábola exclusiva de Lucas. O caminho de Jesus, que representa o discipulado, é um itinerário em que ele compartilha os elementos centrais de seu ministério e de sua mensagem. A parábola do Bom Samaritano sintetiza essa mensagem e é, ao lado da parábola do “pai misericordioso” (ou do filho pródigo), um forte motivo para considerar o Evangelho de Lucas como o “evangelho da misericórdia”.

No início da passagem, um mestre da Lei questiona Jesus sobre o que é necessário para alcançar a vida eterna, com o intuito de testá-lo e talvez acusá-lo de heresia (v. 25). O mestre, embora conheça profundamente a Lei judaica e suas Escrituras, está preocupado em defender suas tradições religiosas sem um verdadeiro interesse pelo amor e pela compaixão. Jesus responde com um questionamento, talvez por conhecer as reais intenções do seu interlocutor (v. 26). Ao ser perguntado sobre o que a Lei ordena, o mestre responde com a combinação dos mandamentos de amor a Deus e ao próximo, mas, ao tentar justificar-se, revela sua visão restritiva sobre quem seria o próximo (v. 27). Ao responder “E quem é o meu próximo?” (v. 29), ele demonstra uma visão teórica, mas descomprometida, sobre o amor ao próximo.

Jesus responde à provocação do mestre da Lei com a parábola de um homem que, descendo de Jerusalém a Jericó, é atacado por

assaltantes e deixado quase morto (vv. 30ss). A estrada entre essas cidades era conhecida por sua periculosidade, tanto pelos condicionamentos da geografia quanto pela presença de assaltantes e brigantes. Nessa situação de abandono, um sacerdote e um levita passam pelo homem caído, mas ambos seguem para o outro lado da estrada, sem ajudá-lo (v. 31). O sacerdote, provavelmente voltando de seu serviço no templo, evita o contato para não se tornar ritualmente impuro, colocando a Lei acima do bem-estar do ferido. O levita, como auxiliar dos serviços litúrgicos do templo, faz a mesma coisa (v. 32). Esse comportamento denuncia, segundo Jesus, uma religião sem compaixão, onde o cumprimento da lei torna-se um obstáculo ao amor verdadeiro.

Em contraste, um samaritano, tradicionalmente visto como herege e inimigo dos judeus, é aquele que se aproxima, sente compaixão e age para salvar o homem (v. 33). Ele não apenas oferece ajuda imediata, mas cuida do ferido com óleo e vinho, o leva a uma hospedaria e paga suas despesas (vv. 34-35). A parábola destaca que o samaritano, rejeitado socialmente, age de acordo com a verdadeira vontade de Deus, enquanto aqueles considerados justos e piedosos se afastam. Esse personagem representa um modelo de proximidade e compaixão, contrastando com a atitude de indiferença do sacerdote e do levita. Jesus assim subverte o conceito de “próximo”: não se trata apenas de alguém que já faz parte do círculo de relações, mas alguém que se torna próximo por meio da ação compassiva.

Ao final da parábola, Jesus pergunta ao mestre da Lei quem, na sua opinião, se fez próximo do homem ferido (v. 36). A resposta óbvia — “Aquele que usou de misericórdia” (v. 37) — revela que o mestre compreendeu, embora de forma relutante, que o próximo é aquele que age com compaixão. Mesmo evitando mencionar o samaritano diretamente, devido ao preconceito enraizado, o mestre não tem como negar que a compaixão, atributo divino destacado no Antigo e no Novo

Testamento, foi exemplificada por um homem considerado impuro aos olhos da religião judaica.

Com essa parábola, Jesus ensina que o verdadeiro cumprimento da Lei se dá por meio da misericórdia e da compaixão. Ele denuncia uma religiosidade estéril e propõe que se superem as barreiras impostas pelo tradicionalismo formalista. A figura do Bom Samaritano torna-se, assim, uma imagem do próprio Jesus, que se aproxima dos marginalizados e excluídos. Jesus convida a todos — tanto o mestre da Lei quanto os leitores de Lucas — a serem como o samaritano, cultivando uma religião que realmente transforma vidas e se faz presente onde há dor e necessidade.

Dessa forma, a parábola aponta para uma fé prática e inclusiva, que valoriza o ser humano e coloca o amor ao próximo acima das normas ritualísticas. A religião, segundo Jesus, deve ser um instrumento de aproximação entre as pessoas, promovendo solidariedade e superando preconceitos, sem o que ela se torna vazia. O convite “Vai e faze a mesma coisa” é dirigido a todos que buscam seguir o caminho de Jesus, indicando que o verdadeiro discipulado é marcado pela ação compassiva e pelo cuidado com os necessitados. O que não significa uma mera filantropia, mas consequência do encontro transformador, marcado pela escuta atenta da Palavra de Deus, da qual Jesus é sua máxima expressão.

Síntese e convergência dos dois ícones

Os dois textos bíblicos trabalhados mostram a realização de encontros transformadores: a parábola do Bom Samaritano e o encontro de Jesus com a mulher samaritana. Apesar de diferentes em contexto, como evidenciado no início, ambos convergem ao destacar temas de compaixão, quebra de barreiras sociais e religiosas, e a verdadeira compreensão do amor ao próximo. Na sequência, em forma de síntese, são apontados alguns elementos de convergência, a partir

da leitura dos dois textos bíblicos, que contribuem decisivamente para a construção de uma Igreja peregrina, samaritana e missionária, atenta à memória, aberta à profecia e revigorada pela esperança, como quer ser a nossa Igreja particular, cujo processo de construção encontra-se em caminho.

Eis, portanto, as luzes que emergem da convergência dos dois textos bíblicos:

- 1. Ruptura de Preconceitos e Barreiras Sociais:** Ambos os textos mostram como Jesus desafia os preconceitos da época. Na parábola do Bom Samaritano, o personagem que age com compaixão é justamente um samaritano, grupo desprezado pelos judeus, enquanto os religiosos judeus (sacerdote e levita) falham em ajudar, demonstrando total indiferença. No episódio do Evangelho de João, Jesus rompe normas sociais e religiosas, ao interagir com uma mulher samaritana, ultrapassando as rivalidades entre judeus e samaritanos e promovendo um contato pessoal e transformador.
- 2. Compaixão e Ação transformadora:** A compaixão é um ponto central em ambos os textos. O samaritano cuida do homem ferido, mostrando que a verdadeira prática da fé está em agir com misericórdia. De forma semelhante, Jesus demonstra compaixão ao dialogar com a mulher, revelando seu valor e identidade. Esse ato leva à transformação da mulher, que abandona as antigas crenças (simbolizado pelo cântaro deixado para trás) e se torna uma testemunha de sua mensagem.
- 3. A Redefinição dos conceitos de Próximo e de Adoração:** A parábola do Bom Samaritano redefine o conceito de “próximo” como qualquer pessoa que precisa de ajuda, independentemente

da identidade cultural ou religiosa. No encontro com a samaritana, Jesus redefine a adoração como um ato em “espírito e verdade”, acessível a todos e não limitado por locais de culto específicos. Em ambos os casos, o foco se desloca de práticas religiosas rígidas para um relacionamento direto e inclusivo com Deus, pautado no amor e na compaixão.

- 4. Inclusão e Fé autêntica:** Tanto a parábola quanto o episódio com a samaritana promovem uma fé que acolhe marginalizados e questiona uma religião estéril e legalista. O samaritano e a mulher samaritana, ambas figuras socialmente marginalizadas, tornam-se exemplos de uma fé viva e transformadora. A história da mulher, assim como a parábola, demonstra que a verdadeira compreensão do ensino de Jesus envolve romper barreiras e agir com amor e compaixão.

Essas convergências mostram que, para Jesus, a prática da fé envolve ação compassiva e relações inclusivas, superando preconceitos e promovendo uma adoração sincera e acessível a todos. Os dois textos, portanto, — a parábola do Bom Samaritano e o encontro de Jesus com a mulher samaritana — contribuem significativamente para a promoção de uma verdadeira cultura do encontro, cada um oferecendo lições sobre empatia, compaixão, e inclusão que transcendem barreiras sociais, culturais e religiosas.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

EVANGELIZAR como povo de Deus em caminho,
iluminado pela Palavra de Deus
e guiado pela experiência renovada do encontro com
o Ressuscitado, na Igreja Local,
abraçando o evangélico compromisso com o outro
e com a ecologia integral
sendo *Igreja Peregrina, Samaritana e Missionária*,
em adesão as vigentes Diretrizes Gerais da Ação
Evangelizadora da Igreja no Brasil
como expressão de comunhão e sinodalidade,
na esperança do Reino que há de vir.

Objetivos Específicos

- Assumir, em comunhão com as vigentes Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, a dinâmica peregrina e hospitaleira da “tenda-Igreja” que se alarga “em saída” missionária para ir ao encontro de todos.
- Favorecer a constituição e animação das pequenas comunidades eclesiais caracterizadas pelo amor à Palavra de Deus; a comunhão entre os membros; o senso de pertencimento à Igreja; a missão de testemunhar na sociedade os valores do Evangelho.
- Consolidar o processo de Iniciação à Vida Cristã, na catequese, como itinerário à formação inicial e permanente do discípulo missionário de Jesus Cristo, para uma evangelização sempre mais querigmática e mistagógica.
- Formar os agentes e os fiéis para o cultivo e valorização da Igreja local, com sua “geografia” territorial, humana e espiritual como espaço no qual vive-se concretamente a experiência de “ser Igreja”.
- Fomentar a cultura da sinodalidade através dos organismos diocesanos de escuta, encontro e diálogo, de cultivo de verdadeiro discernimento comunitário, para que haja comunhão, participação e senso de pertença.
- Articular, fortalecer e incentivar as iniciativas de uma “Igreja em Saída” permanente, rumo às periferias geográficas, sociais, culturais e existenciais (aglomerados urbanos, hospitais, orfanatos, presídios, casas de acolhida e recuperação).
- Promover a comunhão em todo o tecido social através do cuidado da vida, da acolhida e da evangélica opção pelo pobre, do compromisso com fraternidade e à amizade social fortalecendo a esperança no Reino que anunciamos e há de vir.

PARADAS NO CAMINHO: APELOS PARA O AGIR PASTORAL

Redesenhar a Geografia do Caminho

*“O próprio Senhor irá à tua frente.
Ele estará contigo!”
(Dt 31,8)*

Objetivo

REDESENHAR a geografia eclesial da Diocese a partir de outros paradigmas pastorais e missionários a fim de tornar as estruturas da diocese mais próximas das comunidades e fortalecê-las no horizonte da identidade diocesana e do sentimento de pertença eclesial.

Estratégias

- Reler a “geografia eclesial” da Diocese tendo em vista o significado pastoral a ser atribuído em nossa Igreja diocesana e à necessidade de reforçar o espírito de comunhão eclesial em toda a Diocese.
- Aproximar as estruturas da Diocese das comunidades de modo a construir pontes sobre as quais possa fluir a comunhão eclesial que nos torna todos, pertencentes apenas a Cristo Ressuscitado e à sua Igreja.
- Multiplicar os núcleos de evangelização (comunidades eclesiais) tendo em vista a evangelização e a edificação de comunidades eclesiais (pequenas) centradas na Palavra de Deus e com profundo sentido de pertença eclesial.

Proposições para o AGIR Pastoral

- Redesenhar a “geografia pastoral” da Diocese com a criação de novos núcleos de evangelização (Paróquias, Áreas Pastorais Missionárias e Pequenas Comunidades Eclesiais); com a criação das foranias e os organismos de funcionamento.
- Criar e instalar um Vicariato Episcopal na região do Alto Oeste para facilitar o trabalho e o acompanhamento da pastoral no espírito da diocesaneidade e no compromisso de constituir uma Igreja Sinodal da escuta e da comunhão.
- Pensar as Comissões Diocesanas no espírito da sinodalidade, da comunhão e do serviço, e implementar as que ainda não existem, mas são necessárias para expandir e acompanhar com solicitude a vida e a animação pastoral diocesana.
- Fortalecer e regimentar os Organismos Sinodais da Diocese (Conselhos diocesanos, paroquiais e comunitários etc,) em vista de escutar o que o Espírito Santo diz à Igreja, e da comunhão e participação do Povo de Deus nas decisões da Igreja local.
- Favorecer formação diocesana e paroquial, através de catequeses ou palestras, para os agentes de pastorais, movimentos e serviços sobre “Eclesiologia de Comunhão e “Ser igreja a partir da igreja local”.

Peregrinos da Esperança em uma Sinfonia Eclesial de Comunhão e serviço

“A esperança não decepciona”
(Rm 5,5)

Objetivo

CELEBRAR na igreja local, o Jubileu da Esperança como um momento de encontro pessoal com Cristo Salvador “nossa esperança” (1Tm 1,1) através a Palavra de Deus, a Espiritualidade Litúrgica e Devocional, os Itinerários de Fé e Peregrinações, os Sacramentos e, especialmente, o Sacramento da Reconciliação que manifesta com abundância a graça do perdão e da misericórdia sobre o santo Povo fiel de Deus; e dos gestos concretos de solidariedade que semeiam a Esperança e atestam a eficácia de sua Presença em nosso meio.

Estratégias

- Reascender a esperança como virtude que orienta a caminhada de fé das nossas comunidades, fruto do encontro com Cristo Salvador “nossa esperança” (1Tm 1,1).
- Contribuir para o crescimento pessoal e comunitário, através de catequeses sobre os três eixos do ano jubilar (espiritual, eclesiológico e social), a fim de que nossas comunidades eclesiais e pastorais sejam “escolas” de esperança.
- Definir as igrejas, localizadas em cada umas das foranias, da peregrinação jubilar a para que o Povo de Deus possa, através da confissão e cumpridas as demais condições, obter a Indulgência Plenária que manifesta a misericórdia de Deus aos seus fiéis.
- Fazer com que as Igrejas jubilares e Santuários se tornem “lugares sagrados de acolhimento e espaços privilegiados para

gerar a esperança” (SNC 24), cuidando do acolhimento, do acompanhamento espiritual mais atento, dispondo de dedicado para o atendimento de confissões, propostas de oração e de celebração penitencial.

- Colher as diversas celebrações jubilares para reforçar a relação entre a “Igreja e o mundo” (associações, instituições, profissões, escola, cultura, trabalho etc), na perspectiva de uma cultura do encontro, do diálogo e serviço.

Proposições para o AGIR Pastoral

- Incentivar a conversação do Espírito por meio da Leitura orante da Palavra de Deus, pessoal e comunitária, como instrumento que favorece o encontro pessoal com Cristo Salvador “nossa esperança” (1Tm 1,1).
- Cultivar e incentivar a via da beleza e das diversas correntes da espiritualidade cristã (a Eucaristia, a Liturgia das Horas, a oração de Taizé, a oração do Rosário, a Adoração eucarística, e outras formas), como vias de acesso à experiência de Deus.
- Orientar as temáticas das Festas de Padroeiros como lugar de convergência cristã dos fiéis em torno do mistério de Cristo, da leitura orante da Palavra de Deus, da meditação das virtudes dos santos e convivência fraterna, a partir do Ano Jubilar.
- Criar subsídio um Litúrgico-Pastoral com as orações, roteiro das celebrações e cânticos para subsidiar a dimensão litúrgico-sacramental do ano Jubilar.
- Incentivar a Peregrinação dos fiéis para as igrejas jubilares através das quais, por ocasião do Jubileu, se pode obter a Indulgência Plenária.
- Promover celebrações penitenciais, incentivar e orientar os fiéis à confissão tendo em vista a Reconciliação Penitencial através da desconcertante misericórdia de Deus.

- Realizar a “Peregrinação Diocesana da Esperança” com a Cruz e o ícone da Mãe da Santa Esperança, recordando-nos a presença de Maria junto à caminhada da nossa Igreja particular.
- Visitar às famílias, idosos, enfermos, escolas, encarcerados (cumprindo com as determinações legais dos centros de detenção) etc., a fim de reanimá-los na esperança e como sinal de uma Igreja fraterna, acolhedora e solidária.
- Realizar um Congresso Teológico sobre a esperança a fim de provocar a reflexão nas nossas comunidades eclesiais para que sejam, na realidade em que estamos e vivemos, “escolas” de esperança, comunidades fraternas, solidárias e acolhedoras.

Caridade Samaritana: Por uma cultura do encontro e do Cuidado

“Viu, sentiu compaixão e cuidou dele”

(Lc 10,33-34)

Objetivo

PROMOVER a cultura do encontro através do evangélico compromisso com a vida, da justiça social, da caridade, da fraternidade, do acolhimento e inclusão dos grupos marginalizados, do trabalho pela paz e do cuidado com a casa comum.

Estratégias

- Resgatar, apoiar e estimular as Pastorais de Ação Sociotransformadora e o serviço da Caritas na Diocese à luz do evangélico compromisso com o outro e da Doutrina Social da Igreja.
- Encorajar a prática das obras de penitência, de caridade ou de misericórdia, como obras de esperança, principalmente ao serviço daqueles irmãos que se encontram oprimidos por diversas necessidades.
- Colaborar para na formação de pessoas que podem influenciar na tomada de decisões, como: políticos, formadores de opinião no mundo do trabalho, dirigentes sindicais e comunitários, tendo em vista a ética do encontro e do cuidado para com o outro.
- Incentivar a realização de projetos que promovam a vida plena para as pessoas, buscando apoio junto ao Fundo Nacional de Solidariedade, Fundo Diocesano de Solidariedade e outros organismos de assistência aos necessitados.
- Garantir participação qualificada da Igreja, através dos leigos e ministros ordenados (quando for o caso) em conselhos locais

(municipais) para a tomada de decisões de políticas públicas e de direitos dos cidadãos.

- Promover, dentro da Igreja e à sua volta, uma ampla cultura do cuidado e da proteção de pessoas vulneráveis ou em situação de vulnerabilidade, através de ações de sensibilização e de práticas edificantes.

Proposições para o AGIR Pastoral

- Proporcionar formação aos fiéis, agentes de pastorais, movimentos e serviços, através de catequeses, sobre a Doutrina Social da Igreja.
- Criar o Fórum Diocesano ou Comissão Diocesana de Pastoral para a Ação Sociotransformadora, tendo em vista a realização de ações conjuntas entre a Pastoral da Igreja e as diversas formas de voluntariado social, cultural e religioso.
- Resgatar e fortalecer as Pastorais para Ação Sociotransformadora, na nossa Igreja Diocesana, como compromisso permanente da solidariedade e do cuidado com os mais necessitados: Criança, Pessoa Idosa, Carcerária, Sobriedade etc.
- Implementar novas Pastorais para Ação Sociotransformadora como expressão do cuidado samaritano de nossa Igreja Diocesana nas realidades onde a dignidade e a vida são negadas ou ameaçadas: Pastoral da Saúde e Capelania Hospitalar (?), Pastoral do Povo de Rua (?), Pastoral da Escuta e Prevenção do Suicídio (?), Pastoral da Acolhida (?), Pastoral da Educação (?).
- Revitalizar o domingo da solidariedade como gesto concreto de caridade da nossa Igreja Diocesana às comunidades cuidadoras como: Projeto Esperança, Lar da Criança Pobre, Casa de Acolhimento de Idosos, Casa de Recuperação de pessoas em situação de dependência química etc.

- Conscientizar os fiéis sobre importância de contribuir com as coletas nacionais da CNBB e sua destinação à promoção da solidariedade, da caridade, da dignidade humana, do compromisso com os pobres e a vida em plenitude.
- Aderir no espírito de comunhão a Campanha da Fraternidade e realizar as atividades por ela propostas com disposição à conversão pessoal e eclesial em vistas de uma Igreja comprometida com o Reino que há de vir e fazê-lo brilhar entre nós.
- Apoiar, acompanhar e integrar-se às ações e semanas temáticas e/ou às campanhas de cunho social propostas pela Igreja e/ou pela sociedade civil, desde que estejam de acordo com a DSL como: Semana da Família e da Vida, etc.
- Implementar a Semana da Solidariedade, na nossa Igreja Diocesana, como um momento de reflexão, vivência e espiritualidade em preparação a Jornada Mundial do Pobre, e como chamado à Igreja e à sociedade para reconhecerem a presença de Cristo nos pobres, e para responderem a essa realidade com amor e serviço.

COMO FAZER A IGREJA QUE QUEREMOS SER

Diocesaneidade:

ser Igreja a partir da Igreja Local

O Concílio Ecumênico Vaticano II (1962 – 1965) recuperou a reflexão sobre a Igreja local, ao afirmar que “nela está presente verdadeiramente a Igreja de Cristo, una, santa, católica e apostólica” (LG 26). De fato, a diocese “é o sujeito primário da evangelização”, enquanto é a manifestação concreta da única Igreja num lugar da terra. [...] É a Igreja encarnada num espaço concreto, dotada de todos os meios de salvação dados por Cristo, mas com um rosto local” (LG 30).

Nesse sentido, a Diocese não é só uma igreja, um espaço físico ou um determinado território geográfico. A Diocese é, antes de tudo, uma porção do povo de Deus, sujeito primário da evangelização. Assim, podemos dizer que a Diocese de Santa Luzia de Mossoró é a porção do povo de Deus que está localizada nesse território onde nós habitamos, orientada e conduzida pela figura do seu Bispo diocesano.

Por sua vez, os bispos da América Latina e do Caribe, reunidos em assembleia realizada em Aparecida (2007), recepcionam a letra do Concílio e a corroboram com estas palavras: “Reunida e alimentada pela Palavra e pela Eucaristia, a Igreja Católica existe e se manifesta em cada Igreja particular, em comunhão com o Bispo de Roma. Esta é, como afirma o Concílio, ‘uma porção do povo de Deus confiada a um bispo para que a apascente com seu presbitério’”. (DAp 165).

Ainda no horizonte de acolhida e recepção da intuição de renovação do Vaticano II reverberada em Aparecida (2007), a Assembleia Regional de Pastoral da CNBB – NE 2, realizada em 2023, refletiu sobre o tema da diocesaneidade, com o convite a contemplarmos e valorizarmos nossa Igreja local, com sua “geografia” territorial, humana e espiritual; espaço no qual podemos fazer e viver concretamente a experiência de “ser Igreja”, conscientes de que o

nosso ser cristão é realizado graças à Diocese em que vivemos. (CNBB-NE2, 2023, p. 2).

A Diocese é o primeiro espaço de comunhão e missão, onde todos os carismas, ministérios e serviços se unem harmonicamente numa bonita sinfonia de comunhão através de uma verdadeira pastoral orgânica para trabalharem juntos pelo projeto missionário. Por isso, para nutrimos a consciência, compreensão e vivência da diocesaneidade, através do “senso de pertença” e do cultivo de uma autêntica espiritualidade de comunhão, a nossa igreja diocesana construiu o presente Projeto de Pastoral, fruto da conversação no Espírito, da escuta e da partilha.

Considerando, pois, as várias demandas apresentadas, emergiram proposições para o agir pastoral a partir dos quais podemos tecer o nosso ser igreja fincados na espiritualidade de comunhão, ou seja, de sermos sujeitos eclesiais a partir da nossa igreja local. Unidos na harmonia da diversidade do corpo eclesial que somos, assumamos esse projeto e nos decidamos ser igreja a partir desse projeto e com este projeto de igreja.

Para tanto, colocar em prática esse projeto faz-se necessário empreender novos caminhos, possivelmente recuperar outros, buscando sempre aquela santa ousadia que nos faz “evangelizadores com espírito” (EG 259), lembrando, de igual maneira, que a missão evangelizadora “constitui o primeiro serviço que a Igreja pode prestar ao homem e à humanidade inteira, no mundo de hoje” (RM 2).

O Plano Diocesano de Pastoral que nos é proposto, abrange toda a Diocese de Santa Luzia de Mossoró, em todos os seus vicariatos, foranias, com todas as suas paróquias, áreas missionárias, centenas de comunidades urbanas e rurais, serviços, movimentos, associações e organismos e com todas as suas forças vivas: ministros ordenados, leigas e leigos, vida consagrada e religiosa. Assim sendo, ele possui uma abrangência pessoal e eclesial-pastoral.

Abrangência pessoal

“A Alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus” (EG 1). É preciso que cada fiel, verdadeiramente, se deixe envolver numa experiência de encontro e fé com Jesus, que é caminho, verdade, vida, razão de nossa alegria e esperança.

O encontro pessoal com Jesus é decisivo para uma efetiva participação nas comunidades dos seus seguidores e para o prolongamento de sua missão e seu Reino no mundo de hoje. Por isso, Documento de Aparecida nos diz: “Conhecer a Jesus é o melhor presente que qualquer pessoa pode receber; tê-lo encontrado foi o melhor que ocorreu em nossas vidas, e fazê-lo conhecido com nossa palavra e obras é nossa alegria” (DAp 29).

A pessoa que, supostamente já fez a sua experiência de encontro com Jesus e testemunha essa experiência na comunidade, será sempre o ponto de partida para a acolhida, recepção e aplicação desse Plano Diocesano de Pastoral.

Abrangência Eclesial – Pastoral

O Plano Diocesano de Pastoral quer alcançar toda a Diocese de Mossoró. Neste intuito, os diversos grupos, as pastorais organizadas, serviços e os movimentos pastorais de orientação diocesano, interdiocesana que compõem o corpo eclesial desta Igreja são, por excelência, os lugares de recepção deste projeto. Sendo assim, nenhum organismo eclesial da Diocese de Santa Luzia de Mossoró (Paróquia, Comunidade Eclesial, Serviços, Movimentos, Institutos de Vida Consagrada, Associações Eclesiais, Organismos), pode se sentir dispensado (a) da necessária referência ao Projeto Diocesano de Pastoral.

Os diversos grupos, as pastorais organizadas, serviços e os movimentos pastorais de orientação diocesano e todas as forças vivas da nossa igreja diocesana devem receber esse projeto, estudá-lo e recepcioná-lo na sua realidade, com as devidas adaptações que se fizerem necessárias, se forem necessárias. Para tanto, indicamos a seguir algumas orientações gerais a fim de que o Plano Diocesano de Pastoral seja recepcionado e aplicado por todas as paróquias e comunidades nas diversas pastorais, serviços, movimentos, associações e organismos.

Recepção no âmbito da Comunidade Eclesial

A Comunidade Eclesial é lugar privilegiado para o discípulo missionário vivenciar o seguimento a Jesus Cristo. Na comunidade, predomina o caráter participativo, na qual as dimensões eclesial e social são construídas coletivamente. O que une todos é a mesma fé em Cristo Jesus que brota de modo especial da Palavra de Deus. A propósito, as primeiras comunidades cristãs nos ensinam que viver em comunidade implica: 1. A escuta da Palavra de Deus; 2. A comunhão entre os membros; 3. O senso de pertencer à Igreja Católica; 4. A missão de testemunhar na sociedade os valores do Evangelho (cf. At 2,42).

Sendo assim, o processo de recepção do Plano Diocesano de Pastoral começa com a sensibilização da comunidade eclesial sobre a importância do ser igreja a partir da nossa diocese, e ser Igreja empenhados em efetivar este projeto de igreja. Com isso, a participação e a colaboração de todos como “pedras vivas” desta igreja é indispensável.

Recepção no âmbito da Paróquia

Sobre a paróquia, diz o Documento de Aparecida: “Entre as comunidades eclesiais, nas quais vivem e se formam os discípulos e missionários de Jesus Cristo, sobressaem as Paróquias. São células vivas da Igreja e o lugar privilegiado no qual a maioria dos fiéis tem uma experiência concreta de Cristo e a comunhão eclesial. São chamadas a ser casas e escolas de comunhão. [...] “espaços da iniciação cristã, da educação e celebração da fé, abertas à diversidade de carismas, serviços e ministérios, organizadas de modo comunitário e responsável, integradoras de movimentos de apostolado já existentes, atentas à diversidade cultural de seus habitantes abertas aos projetos pastorais e supra paroquiais e às realidades circundantes” (DAp 170).

A Paróquia é uma “rede de comunidades” alicerçada na Trindade como modelo de comunhão e participação a exemplo das primeiras comunidades cristãs, tendo como primeiro animador da ação pastoral o Pároco ou Administrador Paroquial bem como o Vigário Paroquial. Dessa forma, o primeiro responsável por acolher e orientar a vida das comunidades a partir do Plano Diocesano de Pastoral é o Pároco, Administrador Paroquial e o Vigário Paroquial.

Não obstante, é fundamental o funcionamento de organismos de escuta, estudo, discernimento e tomada de decisão, como: Assembleia Paroquial de Pastoral, o Conselho Paroquial de Pastoral, as Equipes de Coordenação e as Comissões Paroquiais e Comunitárias da animação da vida paroquial. Justo a esses organismos, a paróquia deve planejar a execução das atividades do Plano Diocesano de Pastoral.

Por isso, além de uma leitura pessoal e atenta do Plano Diocesano de Pastoral, é indispensável a realização de assembleias paroquiais e comunitárias ou reuniões de estudos em que haja diálogo e troca de opiniões, num clima sinodal e ambiente de oração, possa-se discernir

os meios aptos para concretizar as estratégias e ações do nosso Plano de Pastoral.

Recepção no âmbito dos Movimentos, Serviços, Institutos de Vida Consagrada e Religiosa, Associações Eclesiais e Organismos

Os Movimentos, Serviços, Institutos de Vida Consagrada e/ou Religiosa, Associações Eclesiais e Organismos existentes na Diocese são reconhecidos como espaços de evangelização e de animação da vida da Igreja. Embora alguns desses tenham coordenação nacionais e internacionais próprios, regras e estatutos próprios, estando no território da Diocese de Mossoró, devem, com espírito de comunhão, seguir as orientações desta Igreja Diocesana.

Sendo assim, os Movimentos, Serviços, Institutos de Vida Consagrada e Religiosa, Associações Eclesiais e Organismos são chamados e integram-se sinodalmente e harmonicamente no Plano Diocesano de Pastoral da Diocese, assumindo a proposta evangelizadora desta igreja, engajando-se na vida pastoral das comunidades eclesiais onde estão inseridos, vivendo o seu carisma como dom e serviço à vida e animação da Igreja.

Cultivar a espiritualidade de comunhão

Para a aplicação do Plano Diocesano de Pastoral, é necessário, em última instância, cultivar uma clara espiritualidade de comunhão. É preciso despertarmos para a consciência de que somos Igreja a partir da nossa Igreja Diocesana, em comunhão e sintonia com ela. O Decreto Apostolicam Actuositatem fala da necessidade de os leigos cultivarem o sentido de diocese (AA 10).

Contudo, convém dizer que cultivar o sentido de pertença de Diocese ou uma espiritualidade de comunhão, é indispensável não só

para os leigos, mas para todos os agentes de pastoral da Diocese, a começar pelos clérigos. Sendo que a espiritualidade de comunhão deve impregnar o nosso agir pastoral, recomendamos:

Em relação ao Clero

Compromisso no que se faz necessário quanto a formação permanente dos padres e dos futuros padres no horizonte da diocesaneidade; fortalecimento da identidade e da fraternidade presbiteral; empenho no redesenho eclesial e geográfico da diocese abraçando este projeto; disponibilidade para assumir as funções diocesanas, inclusive, acolher com espírito de liberdade e de serviço as transferências quando se fizerem necessárias.

Em relação aos leigos

Deve-se evitar o perigo do clericalismo: “o clericalismo, que não é só dos clérigos, é um comportamento que diz respeito a todos nós: o clericalismo é uma perversão da Igreja. Chegou a hora de pastores e leigos caminharem juntos em cada âmbito da vida da Igreja, em todas as partes do mundo” (cf. Francisco, 2023); evitar novos devocionismos perniciosos, desencarnados e desprovidos de senso eclesial; evitar comportamentos que talvez venham criar divisões no corpo eclesial da nossa igreja diocesana; cultivar o sentido de pertença a nossa Diocese.

O Plano Diocesano de Pastoral deseja colaborar, desse modo, para que possamos juntos redesenhar os caminhos de evangelização na nossa Igreja Diocesana e, a partir disso, ser um ponto de partida para uma conversão missionária e pastoral, para uma Igreja que se fez em caminho, servidora e missionária que nos leve às periferias geográficas e existenciais presentes em nosso meio.

Como sabemos, o nosso plano será construído ao longo de uma década (2024 – 2035). O ano de 2025 será dedicado, sobretudo, a

vivência das atividades relacionadas ao Jubileu da Esperança com forte apelo a renovar em nós e na nossa Igreja a Esperança. Entretanto, será também um ano para apresentação, sensibilização, divulgação, estudo e conscientização das comunidades, lideranças e grupos eclesiais do novo Plano Diocesano de Pastoral. Para esta iniciativa, o envolvimento e participação de todos é fundamental e irrenunciável.

EM PEREGRINAÇÃO RUMO AO CENTENÁRIO DA DIOCESE

2025 – JUBILEU DA ESPERANÇA

Peregrinos da Esperança em uma sinfonia eclesial de comunhão e serviço

2026 – ANO DA JUVENTUDE

2027 – ANO DA PALAVRA

2028 – ANO DA CATEQUESE E EDUCAÇÃO

2029 – ANO DAS VOCAÇÕES E MINISTÉRIOS

2030 – ANO MISSIONÁRIO

2031 – ANO MARIANO: JUBILEU MARIANO GUADALUPANO

2032 – ANO DA CARIDADE

2033 – JUBILEU DA REDENÇÃO

2034 – ANO EUCARÍSTICO: CENTENÁRIO DA DIOCESE
DE MOSSORÓ

ORAÇÃO PARA A RECEPÇÃO DO PLANO DIOCESANO DE PASTORAL

Senhor da vida e da história,
a vós elevamos nosso louvor e gratidão,
pela presença e missão de nossa Igreja diocesana,
farol de esperança junto ao vosso povo em caminho.
Ao celebrarmos com júbilo este ano de graça,
acolhendo-o como tempo favorável de conversão,
como peregrinos de esperança, nós vos suplicamos:
Alcançai-nos em nosso caminhar e firmai os nossos passos,
despertando em nós um desejo autêntico de renovação,
enquanto somos chamados a acolher o Plano Diocesano de Pastoral,
como guia para o agir pastoral de nossa Igreja particular.
Infundi sobe nós o vosso Espírito de sabedoria e discernimento,
para que, abraçando com coragem a verdade e o amor,
vivamos a alegria de caminhar juntos, com simplicidade e firmeza,
prontos a abraçar, sem reservas, a nossa missão de testemunhas,
em comunhão e unidade com toda a Igreja, para que o mundo creia.
Afastai de nós a tentação da divisão e do individualismo,
e livrai-nos da indiferença e da mediocridade,
para que, com um só coração e uma só alma,
façamos resplandecer, pelo nosso compromisso,
o rosto mais belo de nossa Diocese que EVANGELIZA,
como Igreja Sinodal, Peregrina, Samaritana e Missionária.
Acompanhe-nos neste nosso caminhar eclesial, a Santa Mãe da Igreja,
Para que possamos, como ela, em tudo fazer a vossa vontade,
na firme esperança do Reino que há de vir.
Assim seja!

GLOSSÁRIO:

Diocesaneidade:

trata-se de um conceito que expressa a identidade e a vivência da Igreja em nível diocesano, ou seja, a comunhão e a corresponsabilidade dos fiéis – leigos, religiosos e clérigos – dentro de uma diocese. Esse termo reforça a unidade do Povo de Deus em torno do bispo diocesano, que é o pastor da Igreja particular, em comunhão com o Papa e a Igreja universal. A diocesaneidade implica uma espiritualidade de comunhão, compromisso missionário e corresponsabilidade na vida pastoral da diocese. Logo, não se trata apenas da pertença ao território de uma diocese, mas implica uma participação ativa na missão da Igreja local, com um senso de unidade, pertença, serviço e sinodalidade.

Forania:

esse termo designa uma subdivisão dentro do território da diocese, composta por um grupo de paróquias próximas territorialmente, organizadas para facilitar a ação pastoral e a comunhão entre elas. O objetivo da Forania é promover maior integração entre as paróquias, facilitar a comunicação e fortalecer a missão da Igreja em nível local.

Outro:

no objetivo geral do Plano Diocesano de Pastoral optou-se pelo pronome “outro” para evidenciar àqueles que são destinatários e sujeitos do compromisso evangelizador da Igreja. Esta escolha sinaliza a atenção da Igreja com todos que se encontram em situação de vulnerabilidade, não só com os empobrecidos, mas com todos os sofredores que estão às margens da estrada. Portanto, todos os membros de uma comunidade eclesial devem assumir o compromisso evangélico com os frágeis, bem como com todas as vidas humanas.

Sinodalidade:

trata-se de um princípio fundamental da Igreja que expressa sua natureza de comunhão, participação e missão. Derivado do grego *synodos* (que significa “caminhar juntos”), o termo refere-se ao modo como toda a Igreja – leigos, religiosos e clérigos – caminha unida, discernindo e tomando decisões sob a orientação do Espírito Santo. A sinodalidade não se limita a eventos específicos, como um sínodo, mas é um estilo e uma forma de ser Igreja, baseada no diálogo, na escuta recíproca e na corresponsabilidade de todos os batizados. Ela reforça a ideia de que a missão da Igreja não é exclusiva do clero, mas de todo o Povo de Deus, em comunhão com o Papa e os bispos.

Vicariato Territorial:

é a estrutura de uma diocese que tem como missão unir uma determinada quantidade de foranias que estão mais próximas geograficamente, para que a ação evangelizadora na diocese aconteça de maneira mais organizada, em todas as dimensões. É também uma maneira de descentralizar os trabalhos pastorais e administrativos para melhor atender às exigências da diocese na sua dinamicidade do anúncio do Reino de Deus junto ao seu povo. Desse modo, o objetivo maior de um Vicariato Territorial é o de criar um elo de união, comunhão e partilha entre o clero, religiosos, leigos e o bispo diocesano. Tudo isso, em vista de se estabelecer laços mais fortes para que a ação pastoral se concretize de maneira eficaz e eficiente. Nossa Diocese conta com dois Vicariatos Territoriais, sediados em Mossoró e Pau dos Ferros, respectivamente.

Vigário Forâneo:

título dado ao padre coordenador de uma Forania. Tem a função de auxiliar o bispo na articulação das atividades pastorais da Forania, facilitando a comunhão entre as paróquias e todas as forças vivas que a compõem.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: Tradução Oficial da CNBB. 3. ed. Brasília: Edições CNBB, 2019.

CONCÍLIO VATICANO II. *Apostolicam Actuositatem*. Decreto do Concílio Vaticano II sobre o apostolado dos leigos. São Paulo: Paulinas, 1976.

CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen Gentium*. Constituição dogmática do Concílio Vaticano II Sobre a Igreja. São Paulo: Paulinas, 2005.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2007, Aparecida. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo. Brasília: Edições CNBB, 2008.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL REGIONAL NORDESTE 2. **Diocesaneidade: ser igreja a partir da igreja local**. Texto da 58ª Assembléia Regional da CNBB NE2. Recife, 2023.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL REGIONAL NORDESTE 2. **Por uma espiritualidade de comunhão, na práxis evangelizadora**. Texto da 59ª Assembléia Regional da CNBB NE2. Recife, 2024.

PAPA BENTO XVI. **Carta Encíclica Deus Caritas Est**. São Paulo: Paulus; Loyola, 2006.

PAPA FRANCISCO. **Discurso do Papa Francisco à delegação de jovens sacerdotes e monges das Igrejas Ortodoxas Orientais**. 3 jun.

2022. Disponível em: www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2022/june/documents/20220603-delegazione-chieseautocefale.html

PAPA FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***: a alegria do Evangelho: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013.

PAPA FRANCISCO. ***Regina Coeli***. 19 abr. 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2015/documents/papa-francesco_regina-coeli_20150419.html

ORAÇÃO A NOSSA SENHORA MÃE DA SANTA ESPERANÇA

Virgem Mãe do Redentor,
que brilhais “como sinal de segura esperança
e de consolação aos olhos do povo de Deus peregrino”,
a vós recorremos com toda confiança do nosso coração e vos suplicamos:
sustentai a nossa fé, nutri nossa caridade,
reavivai nossa esperança e não permitais que nenhum obstáculo
nos faça desviar do caminho da salvação.
Convosco ó Mãe, queremos caminhar como Peregrinos de Esperança,
renovando na alegria, a nossa disposição de seguir a Cristo
e testemunhar seu amor no mundo.
Por isso, para vós, ó Estrela-guia,
nós nos voltamos e a vós confiamos os nossos passos.
Velai por nós, ó Santa Mãe da Esperança,
enquanto somos chamados a acolher
e implementar o nosso Plano Diocesano de Pastoral.
Não permitais, ó Mãe, que o cansaço nos atrase,
nem o desânimo nos impeça de fazer as escolhas certas
para o bem de nossa comunidade eclesial.
Ensinai-nos, ó Virgem Maria, a amar este nosso tempo,
a ler nele os sinais do amor de Deus para conosco
e a descobrir e anunciar, sem temor, as razões de nossa esperança.
Dai-nos força para fazer de nossa vida de discípulos
um dom a serviço ao outro,
para que, ancorados na esperança que não decepciona,
permitamos que, pelo nosso testemunho evangelizador,
ela contage todos os que a desejam.
E que no dia glorioso do Senhor,
convosco ó Virgem Santíssima,
participemos em plenitude dos bens celestes que pela fé esperamos.
Assim seja.
Mãe da Santa Esperança, Rogai Por nós



